

PERSONAGENS NO JORNALISMO DIGITAL PORTUGUÊS: UM ESTUDO DE CASO

CHARACTERS IN PORTUGUESE DIGITAL JOURNALISM:
A CASE STUDY

*Inês Fonseca Marques*¹

Universidade de Coimbra

RESUMO

Este artigo resulta do estudo de caso levado a cabo na dissertação *A Construção da Personagem nas Narrativas do Jornalismo Digital* (Marques, 2016), cujo grande objetivo foi explicitar os mecanismos de figuração de personagens em narrativas jornalísticas digitais, bem como perceber o funcionamento da narrativa jornalística no mundo digital e o potencial desse ambiente para o processo de figuração de personagens.

Num primeiro momento, apresenta-se um breve enquadramento teórico sobre personagem jornalística para, de seguida, se apresentarem os resultados da análise empírica a três séries de reportagens construídas por três órgãos de comunicação social portugueses – o *Público*, o *Expresso* e a *Rádio Renascença*. Através dessa análise, concluiu-se que, essencialmente, o jornalismo constrói quatro tipos de personagem, que desempenham diferentes funções: humanização, autoridade, caracterização de personagem e caracterização de realidade. Assim, é objetivo principal deste artigo identificar as características de cada tipo de personagem.

¹ Investigadora financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/1148 43/2016).

Palavras-chave: personagem jornalística, reportagem, jornalismo digital

ABSTRACT

This article is the result of the case study carried out as part of the master thesis *The Construction of the Character in Portuguese Digital Journalistic Narratives* (Marques, 2016), whose main objective was to explore the mechanisms of figuration of literary characters in digital journalistic narratives, as well as to understand how journalistic narratives function in a digital environment and the impact of this environment on the characters' figuration process.

First, we present a brief theoretical framework about journalistic characters, before presenting the results of the empirical analysis applied to a series of reports from three Portuguese *media* outlets – *Público*, *Expresso* and *Rádio Renascença*. This analysis shows that, essentially, there are four types of journalistic characters, which perform different functions, i.e. humanization, authority, characterization of the journalistic characters and characterization of reality. Thus, the main objective of this study is to identify the characteristics of each character type.

Keywords: journalistic character, reports, digital journalism

PREÂMBULO

Este texto apresenta os resultados da dissertação de mestrado *A construção da personagem nas narrativas do jornalismo digital*, defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2016, perante um júri cujo arguente foi o Professor Carlos Reis. Gerou-se, nessa ocasião, uma profícua discussão sobre a narrativa jornalística e a construção da personagem nesse tipo de narrativa. Porém, a influência do Professor Carlos Reis neste trabalho, em particular, e na minha investigação, em geral, tem sido absolutamente decisiva,

por um lado, através da sua vasta obra, basilar para quem quer fazer investigação no âmbito dos Estudos Narrativos e, por outro, através do grupo de investigação “Figuras da Ficção”, por si coordenado, e onde muito tenho aprendido desde que, em 2014, o Professor Carlos Reis me deu o prazer de o poder integrar.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM JORNALÍSTICA

Tendo por base as teorias construtivistas do jornalismo, segundo as quais é através dos usos da linguagem que acedemos ao conhecimento sobre o mundo, podendo falar de situações que não presenciámos ou de pessoas que não conhecemos (Berger e Luckmann, 2003) e visto que, ao consultarem-se várias definições de personagem (Jannidis, 2009: 14; Margolin, 2007 e 2008: 66; Reis e Lopes, 1990: 306), se conclui que a personagem é um agente do mundo diegético textualmente criado, sendo ela também uma criação textual, que se transforma numa entidade mental criada pelo leitor, e é em torno dela que gira a ação, consideramos que se pode falar das figuras que povoam os textos jornalísticos como personagens. Contudo, esta não é uma ideia consensual entre os estudiosos, o que se poderá justificar pela natureza factual das narrativas jornalísticas, em contraste com as narrativas ficcionais a que a teoria remete quando fala de personagens. Porém, há que considerar que tanto os textos factuais como os ficcionais “convidam o leitor a imaginar um mundo, e a imaginá-lo como uma realidade física, autónoma, equipada com objetos palpáveis e habitada por indivíduos de carne e osso” (Ryan, 2001: 92): afinal, o nosso conhecimento do real é, na maioria dos casos, mediado por narrativas, nomeadamente pelas do jornalismo. É, portanto, através dessas narrativas que acedemos ao conhecimento sobre as personagens: “ao contrário das pessoas que existem no mundo real, que são completas, só podemos falar significativamente sobre aqueles aspe-

tos da personagem que foram descritos no texto ou que nele estão implícitos” (Jannidis, 2009: 17). Em suma, da mesma forma que “posso falar de inumeráveis assuntos que não estão de modo algum presentes na situação face a face, inclusive assuntos dos quais nunca tive, nem terei, experiência direta” (Berger e Luckmann, 2003: 57), pode caracterizar-se pessoas com quem nunca se esteve, de acordo com aquilo que sobre elas foi dito na comunicação social. Todavia, essas pessoas terão, com certeza, mais atributos do que aqueles que são dados a conhecer ao público, tornando-se, por isso, na mente do leitor, personagens.

Ao fazer um estado da arte sobre personagem jornalística, conclui-se que, excluindo autores que falam de personagens mediáticas para definir figuras envolvidas por tal aura mítica que quase parecem ficção, como apresentadores ou figuras desportivas (Cohen, 2001: 250), poucos são os estudiosos que teorizam a existência de personagens no jornalismo. Em Portugal, talvez tenha sido Mário Mesquita (2004: 124; 132) o primeiro a reconhecer que “a criação de personagens é uma atividade estruturante das práticas e do discurso jornalístico”, e que “a ‘pessoa real’ é sempre ontologicamente irreduzível às narrativas que se possam contar a seu respeito”. Além disso, o autor identifica, para estas personagens, três funções: i) a identificação dos subgéneros da narrativa, ii) a organização textual e iii) o “lugar de investimento do autor e do leitor no plano psíquico, ideológico e axiológico” (Mesquita, 2004: 131). Mais recentemente, também Ana Teresa Peixinho tem desenvolvido estudos neste domínio, assinalando que, devido aos mecanismos de “construção e composição” operados pelo jornalista, que “capta apenas alguns traços que permitam identificá-la de modo célere e eficaz”, as personagens jornalísticas acabam por ser, quase sempre, “personagens planas que se [submetem] a uma economia narrativa e [são] de fácil leitura” (Peixinho, 2014: 332).

A seleção é, portanto, um procedimento inevitável na construção de narrativas jornalísticas e, conseqüentemente, das suas personagens. Contudo, estando-se perante narrativas do real, aquela não poderá ser aleatória: terá, primordialmente, de obedecer ao conjunto de regras deontológicas a que os jornalistas estão sujeitos. Além disso, segundo Anne Dunn (2005: 140-142), os textos jornalísticos convocam vários códigos que lhes permitem oferecer à audiência a aparência do real e a associação a valores como a verdade, a seriedade, a autoridade e a proximidade, sendo que as narrativas jornalísticas resultam do cruzamento entre os códigos específicos do meio em que são construídas, a estrutura narrativa, os valores-notícia e os critérios de noticiabilidade (estes dois últimos essenciais para o processo de seleção dos aspetos do real que merecem tratamento jornalístico). Porém, esta seleção é também condicionada pelo contexto socioeconómico do órgão de comunicação social.

Deste modo, sendo produto de uma construção discursiva, a personagem jornalística almeja criar da pessoa real um retrato, salientando apenas os traços que servem os objetivos do jornalista, ao criar determinada notícia ou reportagem. Assim, grande parte das personagens no jornalismo “funcionam como personagens-tipo, no sentido em que dão corpo a histórias modelares, típicas de uma faixa da população [...]. São criadas para veicular determinada ideia e ilustrar um determinado tema” (Peixinho, 2014: 339-340). Além disso, elas são, não raro, construídas mediante um protótipo (Hogan, 2010: 141-143), isto é, na maioria das peças sobre um mesmo tema, vamos encontrar o mesmo tipo de personagens.

Por fim, tendo em conta o alargamento que os Estudos Narrativos conheceram nos últimos anos, contemplando agora “as narrativas mediáticas e as linguagens digitais” (Reis, 2015: 16) e olhando para um estudo em que Marc Lits aborda as problemáticas da narrativa face às potencialidades da *web* para o jornalismo, dir-se-á que este é

também um aspeto importante para o estudo da personagem jornalística. Isto porque esta entidade poderá beneficiar ao ser construída digitalmente, pois “o narrativo ‘escrito’ vai coexistir com sequências, integrando a banda desenhada, a imagem, jogos gráficos diversos” (Lits, 2015: 24), ou seja, a *web* representa o “sonho da linguagem total” (Ryan, 2001: 215).

2. ESTUDO DE CASO

2.1. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E METODOLOGIA

Para a decodificação dos mecanismos de figuração da personagem jornalística em ambiente digital, foi construído um modelo de análise que foi aplicado a um *corpus* constituído por três séries de reportagens digitais de três órgãos de comunicação social portugueses: *Público*, *Expresso* e *Rádio Renascença (RR)*. Assim, são objeto de análise 47 reportagens: 12 do *Público* (“12 ideias para Portugal”,² 2015), 30 do *Expresso* (“Nós, portugueses: retrato de um país que vai a eleições”,³ 2015) e 5 da *Rádio Renascença* (“Os anos da Troika”,⁴ 2014). Contudo, para efeitos de contabilização e análise, serão consideradas 61 reportagens, já que 3 das 5 reportagens da *RR* são subdivididas em vários capítulos, considerando-se cada um deles funciona como uma reportagem independente:⁵ o tema é comum, mas a ação e as personagens são independentes.

2 Disponível em <https://acervo.publico.pt/12-ideias-para-portugal> [última consulta em novembro de 2019].

3 Disponível em <https://expresso.pt/legislativas2015/2015-09-10-Nos-portugueses-retratos-de-um-pais-que-vai-a-eleicoes> [última consulta em fevereiro de 2020].

4 Disponível em <http://rr.sapo.pt/os-anos-da-troika/> [última consulta em novembro de 2019].

5 A série “Os anos da Troika” é constituída pelas reportagens “A Grande Debandada” (8 capítulos), “Na teia de um resgate” (6 capítulos), “Um passo atrás” (4 capítulos), “A crise no limite” (6 capítulos) e “Uma viagem no tempo” (8 capítulos). No primeiro e no penúltimo casos,

A delimitação do *corpus* obedece aos seguintes critérios: i) genológico – todas as peças em análise são reportagens; ii) formal – as peças dos três órgãos têm em comum o facto de se apresentarem como séries de reportagens construídas em ambiente digital; iii) temático – as três séries abordam o mesmo tema: a crise do país, no período pós-*troika*.

Tendo em conta a multidisciplinaridade subjacente aos Estudos Narrativos e à própria análise da personagem, o modelo de análise construído cruza a análise dos *media* – análise do discurso e análise de conteúdo – com os modelos de análise de personagens de Ofélia Paiva Monteiro (“Parâmetros para a avaliação da personagem”) e de Jens Eder (“Relógio das Personagens”). Para se alcançar o sentido global da narrativa jornalística e se avaliarem as estratégias de figuração adotadas pelo autor, são analisadas todas as personagens de cada narrativa jornalística.⁶

Assim sendo, além da identificação da peça jornalística (órgão de comunicação social, título, secção do jornal/*site* e tema da peça), o modelo de análise contempla variáveis para análise da personagem⁷

embora as reportagens se subdividam em vários capítulos, a ação e as personagens são comuns a todos, pelo que estas reportagens são contabilizadas, cada uma, como uma só. Contudo, nos outros três casos, cada capítulo funciona como uma narrativa independente, visto que a ação e as personagens variam de capítulo para capítulo. Assim, para efeitos de contabilização, as reportagens da *Rádio Renascença* subdividem-se do seguinte modo: “Os anos da Troika” = 1; “Na teia de um resgate” = 6; “Um passo atrás” = 4; “A crise no limite” = 1; “Uma viagem no tempo” = 7. Assim, às 12 reportagens do Público e às 30 do Expresso somam-se 19 reportagens da *RR*.

6 Tendo sido analisada cada uma das personagens figuradas nestas reportagens, o *corpus* é constituído por 488 personagens, distribuídas da seguinte forma: 250 no Público, 107 no Expresso e 131 na *RR*.

7 Relativamente à análise das personagens jornalísticas construídas em cada uma das peças que constituem o *corpus*, o modelo contempla 12 variáveis: i) identificação da personagem; ii) relevo (personagem principal, secundária ou figurante); iii) tipologia de personagem

e dos aspetos formais da narrativa.⁸ Além disso, existe ainda uma variável para identificação da categoria da narrativa mais relevante de cada reportagem.

2.2. RESULTADOS: A FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

A primeira grande conclusão que se retira da análise empreendida é a importância da categoria narrativa personagem nas narrativas jornalísticas, ou seja, em narrativas não ficcionais e não literárias. Neste *corpus*, encontramos 488 personagens, sendo esta a categoria principal em 69%, o que, por si só, é significativo.

(individual ou coletiva); iv) composição (identificar se se trata de uma personagem-tipo ou não e, em caso afirmativo, identificar o que tipifica); v) tipo de discurso (direto; indireto ou ausente); vi) número de citações e/ou vivos (contabilização do número de ocorrências em que a personagem 'fala'); vii) caracterização (direta, indireta ou mista); viii) função da personagem na peça (humanização, autoridade, caracterização de realidade ou caracterização de personagem); ix) lexicalização (levantamento dos nomes, adjetivos e advérbios usados, pelo jornalista, na caracterização da personagem); x) categorização (tipos de características que, através da lexicalização, são atribuídas à personagem); xi) transitividade (levantamento dos verbos usados, pelo jornalista, na caracterização da personagem e posterior análise dos processos de transitividade presentes); xii) modalidade (avaliação do discurso da personagem e sua caracterização em modalidade epistémica, apreciativa ou deôntica) (Halliday, 2004: 618); xiii) tema (identificação dos temas presentes no discurso das personagens).

8 Variáveis para análise dos aspetos formais: 1) suporte principal da reportagem (texto, vídeo ou imagem); 2) uso de texto para a figuração; 3) uso de vídeo para a figuração; 4) uso de fotografia para a figuração; 5) uso de som para a figuração; 6) tipos de fotografia/vídeo usados para a figuração; 7) número de parágrafos de texto; 8) função do texto; 9) existência de vídeo na reportagem; 10) número de *clips* de vídeo; 11) duração total do vídeo; 12) tipo de vídeo; 13) função do vídeo; 14) existência de som na reportagem (existência ou não de *clips* de som na peça); 15) número de *clips* de som; 16) duração total do som; 17) tipo de som; 18) função do som; 19) existência de imagens na reportagem; 20) número de imagens; 21) tipo de imagem; 22) existência de infografia na reportagem; 23) tipo de infografia; 24) recurso a *links* na reportagem; 25) número de *links* internos (hiperligações para dentro do próprio *site*); 26) número de *links* externos (de hiperligações fora do *site*).

Em termos de tipologia das personagens, verifica-se um claro domínio de personagens individuais – embora, não raro, aconteça que, quando uma personagem coletiva (uma classe) é figurada, haja uma ou mais personagens individuais que a representem – e de personagens-tipo. Como em qualquer narrativa, as personagens podem ser distinguidas pelo seu relevo na ação: i) principais, quando a sua história é muito valorizada na reportagem e o seu discurso é significativo; ii) secundárias, aquelas a quem, normalmente, é dada voz, embora a sua história sirva apenas para reforçar alguma ideia ou, nalguns casos exercer autoridade (ou seja, consideram-se personagens secundárias aquelas cuja ação não é tão relevante como a das personagens principais); e, por fim, iii) figurantes, isto é, personagens que são referidas, mas cuja voz é inexistente ou residual, servindo apenas para ajudar à caracterização de uma realidade ou de outra personagem.

Tal como preconizam as mais variadas definições, todos os habitantes de um mundo diegético desempenham um papel na ação. Correspondendo, no “Relógio das Personagens” de Eder, à intenção de criação, conclui-se que, nas narrativas jornalísticas, estas podem desempenhar quatro funções: i) humanização: a personagem tem uma história consistente que lhe serve para dar rosto/exemplificar a situação de que se está a falar na peça jornalística; ii) autoridade: a personagem surge na condição de fornecer argumentos de autoridade; iii) caracterização de personagem: a personagem é apenas mencionada para auxiliar à caracterização de uma outra; iv) caracterização de realidade: a personagem surge para demonstrar uma determinada realidade, mas não tem a substância suficiente para se considerar que humaniza essa mesma situação. Com base no *corpus* analisado, conclui-se que predominam as personagens com função de humanização, sendo também significativas as personagens cuja função é dar autoridade ao relato. Além disso, e porque, contrariamente ao que acontece nas narrativas ficcionais, o jornalista tem de obede-

cer a regras éticas e deontológicas, as personagens que auxiliam a caracterização têm um papel relevante, já que se enquadram naquilo a que José Rebelo (2000: 106-107) chama de “histórias paralelas”: através da caracterização de personagens colaterais, com ligações à personagem principal, o leitor retira conclusões para caracterizar essa mesma personagem. Desta forma, o narrador-jornalista pode poupar-se a juízos de valor: o jornalista poderá deixá-los implícitos, ao construir personagens que convergem para a caracterização de outras, cabendo ao leitor retirar as suas próprias conclusões.

Antes de se passar à explicitação da forma de figuração de cada tipo de personagens, importa salientar que as variáveis suprarreferidas – relevo e função – são vetores basilares na análise, pois é ao relacioná-las com outras variáveis que se decodificam as diferenças, em termos de figuração, dos vários tipos de personagens no jornalismo.

O primeiro tipo de personagens, as personagens com função de humanização, é o que melhor concretiza aquilo a que Ofélia Paiva Monteiro chama de “substancialidade humana”,⁹ já que estas, normalmente, são as personagens principais e, portanto, as mais complexas em termos de categorização, ação e discurso: nelas predomina o discurso direto, são caracterizadas de forma plural e o jornalista privilegia, no seu discurso, as suas ações, os seus atributos e o que pensam e dizem (ou seja, os tipos de transitividade predominantes são os materiais, os existenciais, os mentais e os verbais, respetivamente). Estas falam, principalmente, da sua própria vida, de experiências por si vivenciadas e do seu trabalho. São ainda aquelas cuja figura-

9 A “substancialidade humana” decorre da quantidade e diversidade dos elementos figurativos, o que nos leva a crer que, quanto mais completa for a construção da personagem, maior capacidade de individuação ela terá, isto é, mais facilmente o leitor se lembrará dela e a utilizará como modelo para a sua vida.

ção mais se socorre da imagem. Assim, são estas as personagens que revelam uma maior “operatividade diegética” e as que revelam uma maior “capacidade de concretização e de exemplificação, insuflando nos textos vida” (Peixinho, 2014: 338).

As personagens ao serviço de argumentos de autoridade são, principalmente, personagens secundárias a quem, quase sempre, é atribuído discurso. Nelas, é mais valorizado o que dizem e pensam (processos de transitividade verbal e mental), sendo estas as personagens que mais fazem uso da modalidade deôntica, ou seja, estas personagens procuram, com o seu discurso, agir sobre quem ou o que falam. O seu discurso centra-se, principalmente, em temas de política, sociedade, demografia e economia, ou seja, temas comumente ligados às chamadas *hard news*.¹⁰ Além disso, estas são as personagens em que a construção mediante um protótipo mais se aplica: se, na totalidade do *corpus*, predomina a caracterização através de elementos demográficos, familiares e sociais, este tipo de personagens é categorizado apenas com dois traços, que, normalmente, são elementos de identificação demográfica e profissionais (embora estas personagens também possam ter a si associados traços sociais e psicológicos).

Por fim, as personagens com função de caracterização, subdivididas em dois tipos – caracterização de personagem e caracterização de realidade – são, principalmente, figurantes e, tal como é característico de personagens com este relevo, predomina a ausência de discurso, sendo aquelas em que menos se investe, em termos de categorização e transitividade. Nelas, o mais valorizado são as ações secundárias e os seus atributos (processos de transitividade materiais e relacionais),

10 “As *hard news* [notícias duras] são definidas por Anne Dunn (2005: 143), como aquelas que “reportam à política, à economia, às ações do poder e aos negócios internacionais – por outras palavras, aos aspetos da vida pública da nação que se considera terem uma influência considerável na vida dos cidadãos”.

ou seja, a sua ação é muito menos complexa do que a das personagens principais: tal como os Estudos Narrativos teorizam, enquanto figurantes, estas personagens revelam-se “um elemento importante para ilustrar uma atmosfera, uma profissão, um posicionamento cultural, uma mentalidade, etc.” (Reis, 2018: 169). As personagens que desempenham a função de caracterização contribuem, assim, para a concretização de um efeito de real (Barthes, 1968), necessário à credibilização das narrativas jornalísticas.

Esta demarcação das funções das personagens na narrativa reflete o seu processo de construção, de acordo com a mensagem que o seu criador, neste caso o jornalista, deseja transmitir à audiência, confirmando a determinação insuficiente das personagens de que fala Eco (2012: 64). É, portanto, através do estudo da caracterização, da lexicalização e, conseqüentemente, da categorização, que é possível concluir acerca do processo seletivo a que as personagens jornalísticas são sujeitas, isto é, usando a terminologia de Eder, da “personagem como ser representado”. Conclui-se, em primeiro lugar, que predomina o processo de caracterização mista, em que o leitor constrói a sua imagem mental através do que é dito pelo narrador-jornalista e de inferências que retira do discurso e da ação da ou das personagens.

Além disso, confirma-se que a personagem jornalística é, normalmente, uma construção simplificada e superficial, já que, como afirma Mário Mesquita (2004: 135), o jornalista seleciona as características da pessoa real que melhor servem os objetivos da narrativa, construindo, assim, uma personagem que garanta a eficácia da narrativa jornalística, por natureza uma narrativa económica, funcional e simplificada. Comparando as personagens criadas na totalidade das reportagens analisadas, deteta-se a presença de determinados padrões para a construção de personagens, comprovando, assim, que as personagens jornalísticas são figuradas mediante protótipos. Desde logo, através da lexicalização, conclui-se que às personagens jornalísticas do *cor-*

pus em apreço podem ser atribuídos sete tipos de características, cuja combinação varia de órgão para órgão: i) identificação demográfica: características como o nome, a idade ou a naturalidade da personagem, ou seja, que a identifiquem em termos demográficos; ii) físicas: a personagem é identificada por atributos ligados à sua fisionomia; iii) familiares: identificação da personagem através de relações familiares; iv) profissionais: a personagem é caracterizada em termos da sua vida profissional; v) sociais: são referidos aspetos da vida em sociedade da personagem; vi) psicológicas: referência à vida mental da personagem; vii) ideológicas: são mencionadas convicções ideológicas da personagem. Em termos de combinação de características para caracterizar uma mesma personagem, deteta-se a predominância da combinação de dois tipos de características. Também nos temas do discurso das personagens os protótipos se manifestam, já que, da seleção que o jornalista faz das partes do discurso da personagem que vai citar, resulta a possibilidade de se falar de seis grandes temas: vida/experiência pessoal, trabalho, política, sociedade, demografia e economia. Assim, a simplificação manifesta-se na combinação destes elementos para a figuração das personagens: embora os temas e características possíveis sejam abrangentes, eles quase nunca se combinam na totalidade, entre si, numa só personagem. Analisando a relação da função das personagens com o seu discurso, conclui-se que este é, de facto, um fator influente: os temas vida/experiência pessoal e trabalho são maioritariamente abordados pelas personagens com função de humanização, enquanto política, sociedade, demografia e economia são temas que prevalecem no discurso das personagens com função de autoridade.

Tal como a personagem ficcional, a personagem jornalística pode influenciar “os sentimentos, humores e emoções da audiência num nível considerável” (Eder, Jannidis e Schneider, 2010: 15), podendo ainda funcionar como símbolo de uma determinada realidade. Desta

forma, reitera-se aqui a ideia de que muitas das personagens jornalísticas “funcionam como personagens-tipo, no sentido em que dão corpo a histórias modelares, típicas de uma faixa da população” (Peixinho, 2014: 339-340), o que não significa que, por isso, tenham poucos traços de caracterização e não apresentem evolução na história (Eco, 2015: 188-190). No *corpus* analisado, a maior parte das personagens são, realmente, personagens-tipo, podendo representar classes socioculturais, geracionais, políticas, profissionais e regionais.¹¹

Visto que um dos objetivos da análise empírica que empreendemos consistia em perceber o funcionamento da narrativa jornalística no mundo digital, vejamos agora que especificidades formais apresentam as personagens construídas neste meio.

Ao contrário do que se verifica nos meios jornalísticos tradicionais, que apresentam especificidades próprias e, conseqüentemente, limitações em termos formais, e embora na *internet* todas as linguagens possam ser mobilizadas para a construção de narrativas e, conseqüentemente, para a figuração da personagem, representando a *web* a concretização do “sonho da linguagem total” (Ryan, 2001: 215), a nossa análise confirma o que Canavilhas já tinha estudado, em 2006 e 2014: o texto verbal continua a ser o modo semiótico mais utilizado, o que se justifica, segundo Salaverría (2014: 33), por este poder oferecer “o conteúdo mais racional e interpretativo”, funcionando como a “coluna vertebral que sustenta e estrutura as peças informativas multimédia”. Importa, aqui, salientar que foram detetadas 6 formas diferentes de se construírem personagens na *web*: i) apenas texto (55%); ii) texto e vídeo (23%); iii) texto e fotografia

11 Refira-se, a título de exemplo, alguns tipos que encontramos no *corpus*: habitantes do interior, jovens desempregados, emigrantes, famílias afetadas pela crise, empresários, comerciantes, eleitores, pensionistas, etc.

(15%); iv) texto, vídeo e fotografia (6%); v) apenas vídeo (0,5%); vi) texto e som (0,5%).

Assim, ao analisar os suportes expressivos utilizados para a construção de personagens jornalísticas, verifica-se que, em 99% dos casos, se recorre ao texto verbal. Ainda assim, a imagem é também bastante valorizada, embora não seja usada para a figuração de grande parte das personagens, sendo de notar que o seu relevo e a sua função na narrativa influenciam o uso ou não de imagem: 55% dos casos em que a fotografia é usada para a figuração é em personagens principais e a maior parte das vezes em que não é usada é em personagens secundárias (38%) ou figurantes (31%); quanto à função, verifica-se que o recurso à fotografia está associado maioritariamente a personagens com função de humanização (67%). Já o vídeo, embora não seja suporte principal na maioria das reportagens, é já bastante utilizado nas narrativas, apesar de a maior parte das personagens também não conter esta linguagem na sua composição formal. Por fim, o som é o código menos significativo: além de ser usado apenas numa reportagem, o jornalista sente necessidade de justificar essa utilização.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confrontando o enquadramento teórico, baseado sobretudo em definições e estudos da personagem ficcional, com o estudo de caso levado a cabo, propõe-se definir a personagem jornalística como qualquer figura – individual ou coletiva – constante de uma narrativa jornalística, ao serviço de objetivos informativos e comunicacionais, construída de acordo com uma seleção de características de uma pessoa com existência empírica. Essa seleção decorre de critérios deontológicos, estilísticos e discursivos, característicos da comunicação jornalística, nomeadamente: a necessidade de proporcionar à audiência uma compreensão fácil da informação, a linha editorial do órgão de comunicação, a relação com as fontes e os acordos que se faz com

elas, o tempo de que o jornalista dispõe para a construção da peça e o espaço que tem disponível para a publicar. Dessa seleção, resultará: i) uma construção discursiva marcadamente simplificada, redutora, funcionalista e simbólica; ii) e uma imagem mental, construída pelo leitor, com base naquilo que os *media* de informação dizem sobre as suas figuras, nascendo, dessa forma, a personagem. Esta entidade funciona, portanto, como representante de determinada realidade.

Esta definição baseia-se na conclusão de que também no jornalismo “a personagem constitui um componente fundamental da narrativa”, tal como Carlos Reis (2018: 389) afirma na definição de personagem do *Dicionário de Estudos Narrativos*. Contudo, se a narrativa jornalística cumpre objetivos específicos e tem um dever de referencialidade, isto é, de respeito pelo real, a seleção de características da pessoa que serve de modelo à construção da personagem não pode ser feita de forma aleatória nem estar completamente dependente da subjetividade do seu criador, tal como acontece na ficção.

Deste modo, se se encontram na figuração da personagem jornalística aspetos que se assemelham com a das personagens ficcionais – desde logo, a importância do relevo, da caracterização e do discurso – aquilo em que elas mais diferem é, efetivamente, a questão da função na ação, o que justifica que se tenha procurado, na apresentação dos resultados, delimitar as diferenças entre os vários tipos de personagens, de modo a tentar explicar os mecanismos de figuração de personagens no jornalismo.

Dado que todo o *corpus* é constituído por narrativas construídas em meio digital, se, por um lado, se conclui que os órgãos de comunicação estudados já valorizam o modo narrativo e, de certa forma, a personagem, por outro ainda se verifica uma subvalorização, nalguns casos, das potencialidades que o ambiente digital oferece. Assim, pensa-se que o processo de figuração da personagem jor-

nalística pode beneficiar dessas potencialidades, ultrapassando algumas limitações das personagens dos formatos tradicionais, como, por exemplo, o uso do vídeo ou, pelo menos, do som, para dar diretamente voz à personagem, no lugar da citação em texto. Assim, e porque as personagens são, segundo Carlos Reis (2015: 121-122), entidades de feição antropomórfica, o facto de se mostrar a personagem pode constituir uma estratégia de humanização do relato jornalístico e, por conseguinte, uma estratégia de veridicção. Ou seja, a utilização eficaz das potencialidades do ambiente digital pode constituir-se como um modo de ultrapassar a simplificação e superficialidade que caracterizam a personagem nas narrativas jornalísticas clássicas.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter L. e Thomas LUCKMANN (2003). *A construção social da realidade*. 23.^a Edição. Petrópolis: Editora Vozes.
- CANAVILHAS, João (2006a). “Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada”. Covilhã: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf> (consultado 11/2019).
- CANAVILHAS, João (2014). “A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da web”, in Paula Raqueijo Rey e Carmen (eds.), *Contenidos innovadores en la Universidad Actual*. Columbus: McGraw-Hill Education, disponível em https://www.academia.edu/14179648/A_reportagem_paralaxe_como_marca_de_diferencia%C3%A7%C3%A3o_da_Web (consultado 11/2019).
- DUNN, Anne (2005). “Television news as narrative”, in Helen Fulton *et al.* (eds.), *Narrative and Media*. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo: Cambridge University Press. 140-152.

- Eco, Umberto (2012). “Algumas afirmações sobre personagens ficcionais”. *Confissões de um jovem escritor. Conferências Richard Ellmann sobre Literatura Moderna*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Eco, Umberto (2015). “Os personagens”. *Apocalípticos e Integrados*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- EDER, Jens (2014). “Analyzing characters: creation, interpretation, and cultural critique”. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, n.º 4: 69-98.
- EDER, Jens; Fotis JANNIDIS; Ralf SCHNEIDER (2010). “Characters in Fictional Worlds. An Introduction”, in Jens Edder; Fotis Jannidis e Ralf Schneider (eds.), *Characters in Fictional Worlds: Understanding Imaginary Beings in Literature, Film, and Other Media*. Berlin; New York: Walter de Gruyter GmbH & Co. 5-46.
- HALLIDAY, Michael A. K. (2004). *An Introduction to Functional Grammar*. 3.^a ed. Grã-Bretanha: Hodder Headline Group.
- HOGAN, Patrick Colm (2010). “Characters and their plots”, in Jens Edder; Fotis Jannidis e Ralf Schneider (eds.), *Characters in Fictional Worlds: Understanding Imaginary Beings in Literature, Film, and Other Media*. Berlin; New York: Walter de Gruyter GmbH & Co. 134-156.
- JANNIDIS, Fotis (2009). “Character”, in Fotis Jannidis; Matiaz Martinez; John Pier; Wolf Schmid (eds.), *Handbook of Narratology*. Berlin; New York: Walter de Gruyter. 30-46.
- LITS, Marc (2015). “As investigações sobre a narrativa mediática e o futuro da imprensa”. *Mediapolis: revista de comunicação, jornalismo e espaço público*, n.º 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 15-29. Disponível em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/investiga%C3%A7%C3%B5es_sobre_narrativa_medi%C3%A1tica_e_o_futuro_da_imprensa (consultado em 11/2019)
- MARGOLIN, Uri (2007). “Character”, in David Herman (ed.). *The Cambridge Companion to Narrative*. Cambridge; New York; Melbourne; Madrid; Cape Town; Singapore; São Paulo: Cambridge University Press. 66-79.

- MARGOLIN, Uri (2008). “Character”, in David Herman; M. Jahn; Marie-Laure Ryan (eds.). *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*. Londres e Nova Iorque: Routledge. 52-57.
- MARQUES, Inês Fonseca (2016). *A Construção da Personagem nas Narrativas do Jornalismo Digital*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/31489> (consultado em 11/2019).
- MESQUITA, Mário (2004). “A personagem jornalística – da Narratologia à Deontologia”, in *O quarto equívoco – o poder dos media na sociedade contemporânea*. 2ª Edição. Coimbra: Edições Minerva. 123-144.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva (2015). “Parâmetros para a avaliação da personagem”, disponível em <https://figurasdaficcao.wordpress.com/2015/01/23/parametros-para-a-avaliacao-da-personagem/> (consultado em 11/2019).
- PEIXINHO, Ana Teresa (2014). “Procedimentos retórico-narrativos para a construção de personagens jornalísticas – o caso do jornal *Expresso* durante o verão de 2013”. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, n.º 4: 323-348.
- REIS, Carlos e Ana Cristina M. LOPES (1992). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- REIS, Carlos (2015). *Pessoas de livro. Estudos sobre a Personagem*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- REIS, Carlos (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina.
- RYAN, Marie-Laure (2001). *Narrative as Virtual Reality. Immersion and Interactivity in Literature and Electronic Media*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press.
- SALAVERRÍA, Ramón (2014). “Multimedialidade: Informar para cinco sentidos”, in João Canavilhas (org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom. 25-52.

